

A PESSOA DO LEITOR/ESCRITOR DURANTE SUA GRADUAÇÃO: FATOS, SENTIMENTOS E POSSIBILIDADES

ONE READER/WRITER DURING HIS GRADUATION: FACTS, FEELINGS AND POSSIBILITIES

Milena Ramos¹
Mestra em Educação

Claus Dieter Stobäus²
Pós-doutor em Psicologia

Maria Inês Côrte Vitória³
Doutora em Educação

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo discutir sobre elementos encontrados na dissertação de Mestrado da autora com seu orientador sobre práticas positivas de qualificação da leitura e da escrita durante o Curso de Graduação, que primam pelo desenvolvimento de habilidades da pessoa como leitora/escritora. Os dados foram coletados, de forma transversal, com alunos na disciplina Educação e Literatura Infantil, durante o desenvolvimento de quatro semestres do Curso de Graduação em Pedagogia na PUCRS. Para isso, foi aplicado um questionário e foram acompanhados relatos através da Plataforma Moodle e de observações em sala de aula. As respostas foram analisadas qualitativamente, através da técnica de Análise de Conteúdo. Como principal achado, percebemos a interinfluência de bons exemplos de uma prática positiva em aula, o que resultou na qualificação de habilidades como aluno e pessoa do leitor/escritor em desenvolvimento, durante a disciplina, bem como o quanto é imprescindível uma abordagem positiva afetiva cognitiva e socialmente em leitura e escrita que foquem sobre o desenvolvimento humano também no Ensino Superior.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Desenvolvimento Humano. Educação Superior.

INTRODUÇÃO

Estudos atuais têm se dedicado também às emoções e aos sentimentos como influenciadores das aquisições intelectuais, como bem destaca Damásio (2004), ao afirmar que toda experiência de nossa vida é acompanhada por algum grau de emoção,

¹ Mestre em Educação – PUCRS. E-mail: milena_troy@hotmail.com.

² Pós-doutor em Psicologia pela Universidad Autónoma de Madrid- Espanha, Doutor em Ciências Humanas - Educação, professor titular, FACED- PUCRS, no Pós-graduação em Educação e Gerontologia Biomédica, professor do Centro Universitário La Salle. E-mail: stobaus@puers.br.

³ Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação Pontifícia Universidade Católica (PUCRS) - Porto Alegre, Rio Grande do Sul. E-mail: mvitoria@puers.br.

especialmente em relação a problemas sociais e pessoais importantes. Já existe uma percepção no sentido de que eles influenciam em quanto e como se aprende e, respectivamente, nas ações do ser humano. Assim, a cognição está diretamente ligada à emoção, de modo que, sem trabalhá-la, dificilmente atingiremos a parte cognitiva que permeia toda a Educação.

Conforme Asensio, García Carrasco, Núñez Cubero e Larrosa (2006, p. 23),

nos últimos anos, se tem tido conhecimento, inclusive através de publicações que chegaram ao grande público, de trabalhos de alguns cientistas sobre a dinâmica da mente emocional e sua influência no comportamento humano. Frutos de que esse interesse, mais que renovado, inédito, da ciência atual pelas emoções tem sido, por exemplo, a determinação de alguns dos circuitos nervosos envolvidos nelas, entendendo como esses organizam a dinâmica corporal que leva a certos estados afetivos ou o modo como as emoções influenciam a cognição e o comportamento.

A leitura e a escrita passam por esses processos e pode-se dizer que a parte emocional se reflete diretamente nos hábitos de ler e de escrever, nas habilidades para tal, na desinibição para fazê-los, no gosto desenvolvido, desde os primeiros anos escolares até a Graduação e para além dela. Isso significa que o educador precisa saber dessas informações para que seus educandos se desenvolvam amplamente.

A leitura e a escrita são frutos da experimentação, das vivências e da construção de cada um, conforme, além das habilidades, as oportunidades de desenvolvimento, de experimentação positiva, de se perceber no professor incentivo com paixão e verdade, porque ler e escrever faz parte de sua vida também. Assim, não basta uma escola ter bibliotecas, mas também dar espaço para que o aluno tenha contato com os livros e vivencie momentos de escrita, e a forma *como* tudo isso será feito tem suas implicações, que tanto podem ser positivas quanto negativas, desde o início dos anos escolares, inclusive, na Graduação, etapa à qual esta pesquisa está se dedicando.

Sabendo que o fator emocional interfere na cognição, como já explicitado, a partir de pesquisadores renomados que se dedicam ao tema, como os espanhóis Asensio, García Carrasco, Núñez Cubero e Larrosa, pode-se depreender que os alunos da Graduação já iniciam o curso com sua bagagem pré-formada a respeito de leitura e escrita, que pode ser positiva, quando lapidada e aprimorada, ou negativa, que depende do tipo de interação que for proporcionada ao aluno para que consiga transpor as barreiras que o bloqueiam e possa despertar para a leitura e a escrita com mais tranquilidade, rumo à autonomia.

Asensio, García Carrasco, Núñez Cubero e Larrosa (2006, p. 153) asseveram que,

quando um campo de conhecimento já está sobreaprendido e torna-se automático, habitual, pode ser executado com certa independência de seu valor afetivo e prazeroso. Contudo, a experiência mostra que a pessoa habituada antecipa com mais segurança que a ação que empreende se institui em fonte de prazer.

Assim, os processos de leitura e de escrita de um aluno que os domina, tem prazer em fazê-lo e desenvolveu bem suas etapas de antes de entrar na Graduação, ocorrerão durante o curso com normalidade, automaticamente, sem sofrimentos que os bloqueiem e impeçam que ele se aproprie dos conhecimentos, uma vez que ler e escrever com propriedade são atributos necessários ao bom rendimento em todas as disciplinas. Mas Asensio, García Carrasco, Núñez Cubero e Larrosa (2006) afirmam que é justamente a dificuldade com algum conhecimento que se configura como um obstáculo para que se aperfeiçoe nele, e isso provoca insegurança e bloqueia o prazer que poderia ser proporcionado durante sua execução. Isso se encaixa perfeitamente no que se refere à leitura e à escrita. Alunos com bloqueio para ler e escrever e não têm prazer em fazê-lo na Graduação precisam ser estimulados e se sentir à vontade para adquirir segurança, a fim de que possa se desenvolver e ir-se apropriando da leitura e da escrita.

APORTES TEÓRICOS

Se considerarmos os graduandos que receberam incentivos somente no final do Ensino Fundamental ou Médio, podemos depreender que muito foi perdido nessa trajetória de formação sem leituras por deleite, sem prazer e sem usufruir de seus benefícios na escrita. Ou seja, mesmo que esse aluno tenha desenvolvido o hábito da leitura, por ser mais tardia, sua formação ficou prejudicada, deixou de ser aprimorada pela falta de agregador importante, não só nas disciplinas de comunicação e de escrita, como também em todas, o que reflete em sua capacidade de compreender textos diversos, as questões propostas, os conteúdos e, até mesmo, na criatividade.

Assim, os professores de todas as disciplinas e a escola como um todo precisam estar atentos ao seu papel na formação geral do aluno.

Sobre esse aspecto, Mosquera e Stobäus (apud ENRICONE, 2006, p. 109) afirmam:

Para ajudar a formar pessoas e preparar pessoas para a vida em sociedade, para o campo de trabalho, no processo pedagógico nem sempre temos desenvolvido atitudes como observar, fomentar a interação, desenvolver a imaginação, acreditar na criatividade, como bases de modelos de identidade de autoimagem e de autoestima com a finalidade de autorrealização.

Para os que não desenvolveram o gosto pela leitura, não têm o hábito de ler, sequer conseguem concluir com qualidade as leituras obrigatórias das disciplinas da Graduação, a trajetória do curso é bem mais complicada, mas a atuação de seus professores pode fazer a diferença, se estiverem preparados para tal, sobretudo porque os alunos de Pedagogia não concluirão o curso com formação técnica, e a Graduação os preparará para atuar com pessoas em idade inicial de formação e que precisam de bons exemplos especialmente.

Salientamos que nossa pesquisa focou os alunos do Curso de Graduação em Pedagogia da PUCRS e começou com o Estágio de Docência do Mestrado, quando iniciamos as observações e as interações com os graduandos. Depois, seguimos as interações com diferentes turmas da mesma disciplina, ao longo de quatro semestres, o que nos deu subsídio para elaborar as perguntas do questionário, aplicá-las e compreender melhor os hábitos de leitura e de escrita desses alunos na Graduação. Assim, com base nessas observações e interações na sala de aula, surgiu a pergunta abordada neste estudo.

Nessa trajetória de pesquisa, fomos surpreendidos positivamente pelas abordagens da professora da disciplina em relação à leitura e à escrita dos discentes. Assim, a descoberta desse exemplo de professor em sala de aula, quando ainda estávamos definindo os rumos da pesquisa, foi inspiradora e denotou que, apesar de tantos problemas de leitura e de escrita que existem hoje, especialmente em alunos de Graduação, que é o foco desta pesquisa, há uma luz no fim do túnel, porquanto é possível explorar o assunto e pesquisar sobre ele para que possa haver uma transformação no modo de trabalhar o tema na Graduação.

Segundo Vitória e Christófoli (2013, p. 46),

[...] são inúmeros os desafios que ainda não superamos quando o assunto é a escrita no Ensino Superior, pois ainda é demasiado expressivo o número de alunos que evidencia dificuldades ao escrever. [...] a *escrita dos alunos precisa ser qualificada* – e não de esperar que, por um passe de mágica, esta mesma escrita se veja afetada por nosso desejo de que ela se aprimore, sem que nenhuma ação intencionalmente pedagógica seja assumida.

Isso justifica, também, o porquê dessa ação diferenciada e focada no desenvolvimento amplo do aluno em leitura e escrita, pois essa professora conhece a situação atual dos alunos do Ensino Superior nessa área e tem certeza de que não basta sonhar com uma mudança sem que se faça algo bem planejado e executado com firmeza para, de fato, qualificar o aluno e perceber melhorias.

Nas vivências em sala de aula, durante o Estágio de Docência, foi possível perceber que o estímulo à leitura e à escrita e a vontade e a paixão com que o professor apresenta livros, textos e propostas de trabalho fazem diferença na formação do aluno e em seu interesse pelas atividades. Nessa linha de atuação da professora, Mosquera (1978, p. 158) afirma que “[...] os estudantes são, provavelmente, mais influenciados pelo exemplo dado pelo seu professor do que pelos sermões de plataforma”.

Assim, evidenciamos que muito pouco efeito surtiria nos alunos se a professora apenas falasse sobre a importância da escrita e da leitura para o aluno de Ensino Superior, mas suas ações não fossem pautadas nessa teoria, tanto em sala de aula quanto em suas pesquisas e publicações. Também comprovamos tal entusiasmo da professora nas aulas na Pós-graduação, de Mestrado e de Doutorado, em que alunos se encantavam e passavam a inserir em sua vida a leitura por deleite, por exemplo, sentindo-se encorajados a escrever e a deixar seu texto melhor fluir para as escritas acadêmicas, como trabalhos, dissertações e teses.

Durante todo o semestre, a professora falou com paixão e entusiasmo para os alunos sobre a literatura, os livros, o ler e o escrever. Sobre esse aspecto, posso dizer que observei com alegria cada aula e fui percebendo uma alternativa do que, a priori, quando traçávamos os caminhos da pesquisa de Mestrado, não pensamos que encontraríamos.

Erikson (apud MOSQUERA, 1978, p. 157) destaca como qualidades necessárias aos professores universitários:

Aprender a teoria e ensiná-la. O professor é um contínuo estudioso e na universidade deve distinguir-se pela aquisição do conhecimento factual e processual, assim como a sua melhor colocação ante o grupo de alunos.

Tal fato foi reforçando, mais ainda, a viabilidade da pesquisa, pois a necessidade de mudar o modo de trabalhar leitura e escrita em todos os níveis de Educação já é de conhecimento de muitos, inclusive há testes aplicados nacionalmente nos alunos que comprovam isso, como a Provinha Brasil e o Enem. Mas presenciar um professor já

fazendo a diferença, que pode ser percebida nos alunos da Graduação, no final do semestre, é uma mostra de que nossa forma de pensar não é uma utopia, porque isso é possível.

Os Cursos de Graduação noturnos enfrentam o problema de que a maioria de seus alunos trabalha durante o dia e que resta pouco tempo para fazer as tarefas das disciplinas. Isso diminui seu tempo de leitura e faz com que até as obrigatórias sejam lidas sem a dedicação necessária. Igualmente acontece com a escrita. A pressão causada pelo pouco tempo para leitura e escrita vai gerando um mal-estar na pessoa do leitor/escritor, que as faz de modo mecânico e não consegue refletir sobre elas e perceber o quanto leu e/ou escreveu com propriedade.

Vitória e Christófoli (2013, p. 43) também citam um autor que alerta para a necessidade, apesar das adversidades, de apostar e insistir na escrita, e nós acrescentamos, na leitura, já que ambas se complementam:

Páez (2007) diz que o sonho de todo aquele que se planeja para escrever é fazê-lo em uma casa grande, com uma maravilhosa vista sobre o mar, com um cachorro peludo dormitando junto a uma lareira da sala principal. E é também este autor que diz: quem espera ter essas condições para escrever na realidade não quer escrever.

No Curso de Pedagogia da PUCRS, constatamos que quase todos os alunos trabalham o dia todo para poder pagar o curso ou para se sustentar. Porém vários têm bolsa Prouni, e a maioria está no terceiro turno quando chega para as aulas, o que reflete, de alguma forma, no aproveitamento do curso e no tempo que demandam para as leituras obrigatórias das disciplinas e, mais ainda, as leituras por deleite. Mas, ainda que esse aluno, leitor/escritor tenha aptidões em leitura e escrita para desenvolver, se não encontrar um professor que o viabilize, passará a desenvolver cada vez mais um mal-estar em relação ao assunto, prefere ficar distante dos livros e da escrita de textos a sofrer sozinho sem conseguir resolvê-lo.

Assim, a questão da leitura e da escrita é subjetiva, pois pode envolver mal-estar, como aqui mencionamos, e bem-estar, que seria o ideal para seu bom desenvolvimento. Por isso é preciso um professor sensível a tudo isso e esclarecido para que possa auxiliar seu aluno a trilhar um caminho mais tranquilo no aprimoramento da leitura e da escrita.

Sobre isso, Mosquera e Stobäus (apud ENRICONE, 2006, p. 103) asseveram:

O desenvolvimento cognitivo [...] está intrinsecamente conectado às dimensões afetivas e sociais da personalidade humana. Por isto pensamos que é de importância máxima o reconhecimento da

afetividade e subjetividade, através das manifestações em autoimagem e autoestima, repercutindo também na autorrelização.

Considerando que estamos analisando um grupo de futuros professores, podemos dizer que a problemática é cíclica, pois, se não qualificados como leitores e escritores, quando assumirem seus postos profissionais na sala de aula, terão a tendência a não aprofundar a leitura e a escrita no Ensino Fundamental e a formar outros alunos que, ao ingressar na Graduação, não terão desenvolvido essas habilidades.

Mosquera e Stobäus (apud TREVISAN; MOSQUERA; PEREIRA, 2011) referem que a leitura é um processo de aprendizagem com características bem singulares e significativas, porquanto é único, adequado a cada pessoa, dependendo de variáveis como ritmos e estimulações externas, e dos níveis de motivação individual, que podem ser aumentados por meio das interações do docente.

Demo (2006, p. 127) entende o quanto pode ser doloroso o processo de leitura e, ao mesmo tempo, quão emancipatório pode vir a ser o processo da leitura qualificada para a trajetória da pessoa:

Assim como saber pensar, de certa maneira, dói, ler bem também dói, porque pressupõe, antes da crítica, a autocrítica, a autodesconstrução, a humildade de aprender de ideias dissonantes, divergentes, mundos paralelos, expectativas conflitantes. A boa leitura provoca instabilidade, porque sem esta nada se mexe. O fenômeno da emancipação implica esta trajetória dolorosa, naturalmente.

É na universidade que o aluno de Pedagogia, futuro professor, precisa tomar posse de conceitos e de conhecimentos que influenciem positivamente sua prática. Não será através da prática e das necessidades que constatar como professor que vai conseguir modificar sua ação, ele precisará de subsídios teóricos que qualifiquem sua fala, sua escrita e sua ação. Isso evidencia que os Cursos de Graduação com Licenciatura - aqui nos referimos especialmente ao de Pedagogia - estão já mais atentos à qualidade de formação que estão propiciando aos seus alunos, tanto que, em seu currículo atualizado, inseriram a disciplina em que realizamos a pesquisa. A teoria precisa vir antes, criando uma base sólida para uma prática futura que ofereça um diferencial em sua atuação como profissional em sala de aula.

METODOLOGIA

A população desta investigação foi de alunos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), matriculados no Curso de Pedagogia, que

estavam cursando a disciplina Literatura e Educação Infantil. A pesquisa foi autorizada pela Comissão Científica da FAGED da PUCRS (n. 106/2013), e os sujeitos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para preservar o anonimato dos participantes da pesquisa, seus nomes e suas imagens não foram utilizados, de modo que estão identificados como Sujeitos (S) na denominação, seguidos de um número, que identifica cada um em suas respostas, como segue o exemplo: S1, S2, e assim sucessivamente.

A pesquisa qualitativa utilizou a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2010), através da leitura flutuante, que permitiu o estabelecimento de categorias. Em seguida, foram analisados os dados coletados. Lembramos que as categorias são temáticas, conforme temas que surgiram na leitura flutuante, bem como excludentes, de acordo com a proposta de Bardin, que define a análise de conteúdo como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (2010, p. 44).

As perguntas abordadas no questionário utilizado na pesquisa foram:

- 1- Como se deu e/ou se dá teu contato com a leitura e a escrita? Alguém o mediou? Como foi essa mediação?
- 2- Tens algum contato com leitura e escrita? Quando? Em que situação (somente na universidade, além, onde...)?
- 3- E nas aulas de Graduação, em que momentos utilizas a leitura e a escrita? Como os percebes? Como gostarias que fossem?
- 4- No âmbito pessoal e profissional, usas a leitura e a escrita em alguma tarefa? Como são esses momentos para ti? Menciona, se possível, facilidades e ou dificuldades para realizá-las.

Para este artigo, utilizamos como base para a análise de dados apenas as respostas dos alunos à pergunta de número três do questionário:

- E nas aulas de Graduação, em que momentos utilizas a leitura e a escrita? Como os percebes? Como gostarias que fossem?

A questão focou a leitura e a escrita no Ensino Superior, que corresponde ao tempo atual que os alunos participantes da pesquisa estavam vivenciando. A intenção foi, além de constatar se os alunos da Graduação tem o hábito de ler e escrever durante as aulas, saber como são esses momentos para eles, como se sentem, enfim, analisar a pessoa que está envolvida em cada ato de ler e escrever.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Depois de analisar os dados coletados, inserimos as principais respostas em uma categoria: **Sentimentos despertados pela leitura e pela escrita na Graduação.**

Nessa questão, focamos as respostas em que aparecessem elementos sobre os sentimentos dos alunos na Graduação enquanto leem e escrevem e enfatizamos a pessoa do leitor/escritor no Ensino Superior, buscando, na perspectiva de entender o que desperta o bem-estar no aluno que lê e escreve e o que pensar sobre o que pode/precisa ser aprimorado para alcançar esse objetivo.

Salientamos que, nos trechos extraídos das respostas dos alunos, sublinhamos o que consideramos que é destaque para esta pesquisa. Portanto, não os descontextualizamos para facilitar a análise da resposta.

“[...] utilizo a leitura e a escrita **na graduação, para anotações pessoais do que acho mais relevante das aulas.** As anotações, as vezes, são reflexões ou até mesmo sentimentos. [...] também por algum pensamento aleatório que possa ter surgido durante a aula. **Quanto a leitura, não gosto de realizar em sala de aula,** prefiro um ambiente que me proporcione mais solidão”. (S1)

“**Ler e escrever, atos tão naturais** de quem possui a cultura das letras, hábito que eu pratico como formula de reflexão e exteriorização de tudo que me aflige e fascina. [...] mas a leitura e escrita reflexiva é algo que deveria ser mais utilizado nas escolas”. (S12)

“[...] **o Curso de Pedagogia exige bastante leituras** e muitas vezes comentários críticos sobre a leitura feita.[...]. Gosto muito de ler. [...]. Também **acho inviável um educador que não goste de ler, como incentivará as crianças e os jovens se ele próprio não lê?**”

Conforme Lajolo (1999, p. 108),

a discussão sobre a leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê.

Assim, a percepção do/a aluno/a de Pedagogia sobre a importância do gosto pela leitura por parte do professor é algo louvável, pois denota que o/a graduando/a tem convicção de o quanto o professor leitor pode incentivar e influenciar seus alunos.

Nessa categoria, que foca os sentimentos despertados no leitor/escritor na Graduação, as respostas foram bem diferenciadas, como a preferência pela leitura em solidão, a escrita em aula de sentimentos e pensamentos despertados nas aulas, a leitura como algo natural e tranquilo, por já ser uma pessoa mais acostumada aos textos, como mostram estas falas:

“[...] normalmente **temos que ler muitos textos, livros, polígrafos em um curto espaço de tempo, e isso dificulta a compreensão** dos mesmos”. (S9)

“A **liberdade de escrever** em nossos trabalhos postados no moodle e nos trabalhos entregues em mãos é o nosso **maior exercício de ler e escrever aqui na graduação**”.

“Poder **vivenciar a teoria** e a prática, no mesmo instante, é bastante **esclarecedor e motivador** assim como nos faz **sentir segurança** na construção de novos conhecimentos. **Descobrir que se é capaz e que a pessoa (professora) acredita e aposta em sua capacidade é muito prazeroso e significativo.** A escrita e a leitura é constante e necessária. **Como aluna, me sinto valorizada e não tem nada melhor que isto**”. (S4)

Aqui destacamos os sentimentos do aluno participante da pesquisa em relação à professora da disciplina, que faz uma comparação da teoria com a prática referente à escrita e à leitura. Ao estimular o aluno, a professora contribui para melhorar sua autoestima: “[...] descobrir que se é capaz; Como aluna, me sinto valorizada e não tem nada melhor que isto”. Vemos, então, que há um diferencial nas aulas de Literatura e de Educação Infantil, porquanto a professora faz muito mais do que passar os conteúdos propostos pela disciplina, porque investe na formação integral do leitor/escritor.

Salientamos o quanto são positivas as palavras que S4 empregou para explicitar seus sentimentos em relação à utilização da leitura e da escrita na Graduação,

especificamente na disciplina que comentamos: “esclarecedor, motivador, segurança, descobrir, construção, prazeroso, significativo, valorizada”. Todas essas palavras carregam uma atmosfera de coisas boas, positivas, de sentimentos importantes que contribuem para o bem-estar do aluno e propiciam um ensino de boa qualidade e com melhores resultados.

Nesse sentido, leiam-se estas palavras de Mosquera e Stobäus (apud ENRICONE, 2006, p. 108):

Acreditamos que, nos ambientes escolares, é necessário desenvolver aspectos de autoimagem e autoestima mais positivos e realistas, porque no sistema educativo se interage de maneira intensiva, para o desenvolvimento da própria pessoa e suas dimensões socioculturais.

Salientamos que essas colocações atribuídas às aulas e à professora confirmam e corroboram as descrições que fizemos sobre o que observamos durante o Estágio de Docência e o acompanhamento das turmas da disciplina, o que denota que os alunos também estão atentos e sequiosos por aulas e professores que não só transmitam os conteúdos e apliquem provas no final do semestre.

Nesse sentido, destaca Seligman (2011, p. 157), autor e pesquisador com foco na Psicologia Positiva, que “[...] as emoções positivas lançam luz sobre coisas que estão particularmente bem para nós ou que estão têm o potencial de correr bem [...]”, de modo que as aulas tendem a cada vez mais ser um sucesso com os alunos, deixando-os livres para se desenvolver e qualificar suas leituras e escritas mais tranquilamente, pois percebemos que eles já estão absorvidos em emoções positivas e, a partir disso, o gosto e a vontade de ler e de escrever só tendem a se ampliar.

De acordo com Seligman (2011, p. 157),

se você sentir admiração por alguém, isso significa que você acha que essa pessoa demonstrou grande habilidade ou talento em algo. Como modelo de sucesso (pelo menos nesse campo), se você prestar atenção nessa pessoa, poderá perceber como ela realiza essa habilidade.

Através das palavras do autor, compreendemos a admiração dos alunos pelas aulas da professora e o entusiasmo com que conduz sua disciplina e concluímos que, além de contagiá-los com todas essas características, ela os contagia com seu exemplo. Eles conseguem perceber sua paixão pelos livros, pela escrita e reconhecem a habilidade da discente no que faz, razão por que passa a ser um exemplo de sucesso a ser seguido. Ressaltamos que, embora a maioria já esteja no início da fase adulta, e

outros, em seus meados, bons exemplos entusiasmados são contagiantes. Acreditamos que atuem como um bálsamo, que facilita e ameniza as correrias do dia a dia, de trabalho em turno integral, mais a universidade à noite, o que se configura como terceiro turno do dia, como já mencionamos, mostrando que vale a pena estar ali para adquirir novos conhecimentos. As falas abaixo confirmam essa assertiva:

“Utilizo a escrita e a leitura sempre. Na letras as leituras obrigatórias acabam por fazer parte do dia a dia”. (S10)

“Sempre utilizo a leitura e a escrita. Creio que são sempre agradáveis, já que acabo por conhecer novas leituras, aumentando meu vocabulário”. (S11)

“A Puc deveria dar um curso de LEITURA DINÂMICA E MEMORIZAÇÃO para nos ajudar a ler e interpretar o mais rápido possível [...] Seria uma boa para todos, pois escreveríamos melhor, se compreendêssemos melhor os textos, dentro desse espaço esmagador de cada semestre”. (S5)

Por fim, nesta última resposta, verificamos o anseio por conseguir ler, memorizar e interpretar “o mais rápido possível”, o que evidencia o sentimento de que há muita demanda e pouco tempo para dar conta das leituras e dos trabalhos da universidade e que os próprios alunos percebem que precisam escrever e compreender bem mais os textos. Considerando o que observamos, o aluno já tem essa concepção devido às vivências positivas trabalhadas em aula, pois só um aluno que acredita em sua eficácia é que entende que seria bom um curso focado em leitura, do contrário, o discente quer distanciamento até mesmo de cursos que abordem assuntos como ler e escrever. Por outro lado, é preciso atentar para a questão de que quanto mais rápido o aluno ler por necessidade, menos poderá absorver dessa leitura, que poderá ser menos qualificada.

Para Lajolo (1999, p. 105),

a atividade de leitura, que, em suas origens, era individual e reflexiva (em oposição ao caráter coletivo, volátil e irrecuperável da oralidade de poetas e contadores de histórias), transformou-se hoje em consumo rápido do texto, em leitura dinâmica que, para ser lucrativa, tem de envelhecer depressa, gerando constantemente a necessidade de novos textos.

Então, acreditamos que os professores da Graduação devem capacitar os discentes para a leitura dinâmica, por uma questão de necessidade profissional,

inclusive, mas que, igualmente, contribuam para que eles sejam leitores conscientes, atentos e que consigam deleitar-se sobre um texto.

Quanto ao que poderíamos pensar sobre o que pode/precisa ser aprimorado para que se tenha um leitor/escritor mais bem preparado durante sua formação na Graduação, acreditamos que, se todos os professores do Curso estiverem dispostos a, desde o primeiro semestre, ministrar suas disciplinas focando os conteúdos específicos e fazendo um trabalho em que abordem a pessoa do leitor/escritor e sua formação, esses discentes poderão concluir seu Curso de Pedagogia com uma bagagem e aprimoramento muito mais aprofundados no assunto. Consequentemente, atuarão com muito mais competência como profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já referimos, o objetivo do presente estudo foi de refletir sobre as práticas positivas dos discentes (e sua docente), especialmente as mais voltadas para a leitura e a escrita na Graduação, que propiciassem um desenvolvimento melhor nas diferentes áreas de sua vida estudantil, profissional e pessoal, o que foi ressaltado nas respostas do questionário, em que foram abordados os sentimentos despertados pela leitura e pela escrita na Graduação.

Destacamos que os participantes, ao longo do desenvolvimento da disciplina ministrada durante quatro semestres, tiveram a oportunidade de dizer como se sentiam em relação à leitura e à escrita durante as aulas em seu Curso de Graduação e como gostariam que fossem esses momentos, de modo que focamos as respostas sobre a pessoa do leitor/escritor, com o intuito de entender o que desperta o bem-estar nesse aluno quando lê e escreve e o que precisa ser aprimorado para atingir esse objetivo.

Alguns deles, mais acostumados com os exercícios, referiram-se à leitura e à escrita como algo natural, que é feito com tranquilidade; outros disseram que gostavam de utilizar a escrita para anotar tudo o que pudessem durante as aulas: os conteúdos, os sentimentos e os pensamentos despertados pelas leituras; alguns manifestaram que preferiam ler sozinhos e longe da sala de aula, o que denota certo mal-estar em relação ao assunto, visto que é impossível ler somente em casa, pois todas as aulas apresentam demandas de algum tipo de leitura, momento para o qual, se o aluno não estiver se sentindo tranquilo para fazê-lo, não chegará ao nível de aprofundamento necessário para absorver o conteúdo de forma desejada, além da necessidade de interagir com seus

colegas e seu professor, fatores a serem levados em conta para seus processos de aprendizagem, que vão repercutir em seu futuro ensino quando forem docentes.

Outros disseram que se sentiram bem com a liberdade de poder escrever para postar na Plataforma Moodle os trabalhos presenciais, expressando suas ideias. Os alunos fizeram questão de ressaltar que se sentiram muito bem com o incentivo que receberam da professora e que ficaram mais livres para ler e escrever, por se sentirem capazes e valorizados. Muitos outros utilizaram palavras positivas para se referir ao desenvolvimento da disciplina, aos conteúdos e à forma de trabalho da professora, que eles classificaram como esclarecedora, motivadora, que dá segurança, proporciona a descoberta, a construção, que é prazerosa, significativa, valorizadora, evidenciando que estão tendo experiências positivas de bem-estar, sobretudo em relação à leitura e à escrita na disciplina.

Isso nos leva a concluir que o leitor/escritor está sendo constantemente trabalhado e aprimorado, e que fez diferença nessas turmas a abordagem da professora. Por essa razão, podemos afirmar que esse pode ser um caminho a ser explorado pelo Curso de Pedagogia, porque a pessoa do leitor/escritor – reiteramos - aparece em todas as disciplinas, porquanto a leitura e a escrita devem estar inseridas nas mais variadas circunstâncias.

ABSTRACT

This article aims to discuss elements found in the author's Master's Dissertation on positive practices for qualifying reading and writing during the undergraduate course, that excel in developing the skills of the person as a reader/writer. Data collection was carried out with students across disciplines in the course on Education and Children's Literature during the development of four semesters of undergraduate studies, at PUC/RS. To that end a questionnaire was applied, and reports were tracked through the Moodle platform and observations in the classroom. The responses were analysed qualitatively using the technique of content analysis. As a main finding, we perceived the inter-influence of good examples of positive practice in class, leading to the qualification of skills as student and person, reader/writer in development during the discipline, as well as how an affective positive approach, cognitively and socially, is essential for reading and writing which also focuses on human development in Higher Education.

Keywords: Reading. Writing. Human Development. Higher Education.

REFERÊNCIAS

ASENSIO, José. M; GARCÍA CARRASCO, Joaquín; NÚÑEZ CUBERO, Luís; LARROSA, Jorge. **La vida emocional**. Barcelona: Ariel, 2006.

- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.
- DAMÁSIO, António. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1999.
- MOSQUERA, Juan. J. M. **O professor como pessoa**. Porto Alegre: Sulina, 1978.
- MOSQUERA, Juan. J. M., STOBÄUS, Claus. D. Autoimagem, autoestima e autorrealização na universidade. In: ENRICONE, D. (Org.). **A docência na educação superior: sete olhares**. Porto Alegre: Evangraf, 2006.
- MOSQUERA, Juan. J. M.; STOBÄUS, Claus. D. Leitura: o ato de ler e as diferenças individuais. In: TREVISAN, Albino; MOSQUERA, Juan J. M.; PEREIRA, Vera W. **Alfabetização e cognição**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 195-206.
- SELIGMAN, Martin E. P. **Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- VITÓRIA, Maria I. C.; CHRISTOFOLI, Maria C. P. A escrita no Ensino Superior. **Educação**, Santa Maria, v. 38, p. 41- 54, 2013.